



DIMENSÕES DA ESTRATÉGIA

Amerino Raposo Filho

Pela apresentação de cinco cenários, o autor possibilita apreciar-se e compreender-se as estratégias relevantes, suas peculiaridades no tempo histórico e no espaço geográfico, seu emprego no passado (retrospectivo), planejamento e aplicação no presente (conjuntural) e orientação para o futuro (prospectiva), complementando o artigo anterior: "Fundamentos da Estratégia." O texto dos dois artigos constituiu a palestra que Amerino Raposo realizou no Ciclo de Extensão sobre Estratégia, patrocinado pela Escola Superior de Guerra, em outubro de 1986, discorrendo sobre o tema "Fundamentos e Dimensões da Estratégia".

CENÁRIOS ESTRATÉGICOS

Os cenários possibilitam apreciar e compreender as estratégias relevantes, suas peculiaridades no tempo histórico e no espaço geográfico, seu emprego no passado (retrospectivo), planejamento e aplicação no presente (conjuntural) e orientação para o futuro (prospectiva). Muito difícil, complexa e sofrendo a influência de muitos fatores é a delimitação de um cenário estratégico. Em seu interior convivem elementos, fatores e aspectos de importância e valor eminentemente variáveis, como: tempo histórico, espaço estratégico, fatores políticos, econômicos, psicossociais, militares, geopolíticos, tecnológico-

cibernéticos; limitações e vulnerabilidades (internas e exteriores à área estratégica considerada) e, sobretudo, instrumentos de ação, traduzidos no poder das unidades políticas consideradas, em termos nacionais, regionais, continentais e de âmbito mundial.

O tempo histórico traduz o período sobre o qual o analista (planejador) procura tirar conclusões. Não significa sequência de horas, dias, anos, ou de passado, presente e futuro. Envolve períodos de dimensão variada (décadas, séculos), possibilitando visão retrospectiva de fenômenos políticos, econômicos, psicossociais, militares, científico-tecnológicos; ou recomendações prospectivas, com destaque para os de inte-

resse prioritário, no caso o pensamento e a ação estratégicos. As conclusões sendo passíveis de adaptações e ampliações.

Fator influente da área estratégica e condicionante de todas as atividades humanas, o tempo implica duração, sucessividade, oportunidade e continuidade.

O espaço estratégico é entendido na acepção de área estratégica, abrangendo áreas geográficas e atividades humanas. A noção de espaço envolve a consideração de posição, circulação, comunicações, recursos naturais e humanos, relações internacionais, organização interna e estrutura social.

Dependendo do enfoque estratégico a privilegiar no cenário e tendo em vista que nele se realizam as ações estratégicas, o espaço pode compreender: campo de batalha, *front*, teatro de operações (para a Estratégia militar), áreas nacional, regional, continental, hemisférica e global (para as Estratégias nacional, total e global) e, até, espaço exterior ou orbital (para a Estratégia planetária). Ou ainda, admitidos os recursos minerais (para os materiais estratégicos).

Ao longo do tempo, o espaço vem ampliando a sua abrangência, função do desenvolvimento científico-industrial, - da expansão dos transportes e das comunicações, do avanço tecnológico-cibernético e de determinadas atividades do homem e das comunidades nacionais (espaço cultural, modificação de valores éticos e morais etc.).

Configuraremos, a seguir, cenários estratégicos retrospectivos, correspondentes às dimensões militar

(Antiguidade ao século XVIII), nacional (século XIX), total (guerra de 1914-1918 e décadas de 1920-1930); global (guerra de 1939-1945 e décadas de 1950-1960-1970; e prospectivo, correspondente à dimensão planetária (décadas de 1980-1990).

CENÁRIO DA DIMENSÃO MILITAR

A dimensão militar envolve o longo período da Antiguidade ao século XVIII, da 'militarização' da Estratégia, isto é, quando o fenômeno estratégico se apresenta mais militar que político - a guerra, não raro, sobrepondo-se à política e a sua conduta fazendo-se, basicamente, através da Estratégia militar. Desde a sua origem, não se pode deixar de encarar a guerra e, portanto, a Estratégia, sobretudo a militar, no contexto da política, das relações entre comunidades internacionais e os vários centros de poder. O fenômeno estratégico vai-se tornando mais complexo, na medida em que as distâncias se "reduzem" e os centros de poder se multiplicam e inter-relacionam-se.

Nesse imenso cenário, poderíamos destacar vários outros "grandes" e "pequenos" cenários, correspondentes a diversos "tempos" e "espaços" político-estratégicos, sobretudo na Antiguidade e nos tempos modernos. Na Antiguidade, por exemplo, surgem os cenários da Grécia Antiga, das lutas entre Roma e Cartago, pela hegemonia do poder político-militar, da expansão do poder de Roma na Europa e no Oriente Médio e, logo a seguir, a Guerra Civil.

Na Grécia Antiga, *estratégia* significa todos os problemas respeitantes à guerra (preparação, organização, adestramento e emprego de meios, até objetivos a conquistar), conceito, portanto, muito abrangente. Refere-se a todos os encargos do general, como se depreende, também, dos escritos de Senofonte ("A Anábase") e de Platão ("Protágoras") e das pregações de Dionísio. A atuação político-militar de chefes e estadistas da Grécia de então, como Mílcíades, Epaminondas, Filipe e, sobretudo, Alexandre, exemplifica o emprego da Estratégia, inclusive em nível de abrangência superior ao estritamente militar, muita vez se identificando com a Política.

Mílcíades vence a batalha de Maratona e salva Atenas dos persas, aplicando uma estratégia fundamentada em energia, vontade, surpresa. Epaminondas vence Esparta na batalha de Leuctra, exibindo uma estratégia da grande amplitude e visão política, uma espécie de "grande estratégia". Filipe, operando uma estratégia extremamente veloz, enérgica e surpreendente, uma estratégia de grande efeito no quadro de ampla manobra política, vence o exército inimigo na batalha de Queroneia. Alexandre vai além: concilia o emprego da Estratégia militar com outras formas do fenómeno estratégico, a vitória militar representando apenas um meio, vez que política e estratégia compunham um conjugado de fins e meios, fins e riscos, fins e vontade, como se observa nas suas campanhas, na Grécia e na Ásia Menor. Além de chefe militar, Alexandre enfeixa a direção política. Com ele a estratégia adquire,

como ocorrera com Filipe, dimensões e nível do que modernamente se entende por Estratégia nacional. Consegue conciliar estratégia com guerra e política. Após formular os objetivos da Política, lança-se à guerra para finalizar a Estratégia militar na batalha e no combate decisivos.

Nas guerras entre Cartago e Roma, vemos Aníbal vencer as duas primeiras batalhas da Segunda Guerra Púnica — Transimeno e Cannes — de forma realmente brilhante. É a Estratégia de Aníbal vencendo a de Fábio, estratégia principalmente psicológica e política, que evitava ou protelava a Estratégia militar. "Hannibal ad portas", de Aníbal face a Roma, após Transimeno e Cannes; estratégia inconclusa, porque não domina Roma, centro de poder. Bem diferente, no entanto, das estratégias de Aníbal e de Fábio é a de Catão ("Delenda est Cartago"), estratégia de aniquilamento e de destruição, com um só e obstinado objetivo: o centro de poder cartaginês.

Na Roma Antiga, também o fenómeno estratégico subentende concepção e aplicação idênticas à da Grécia. Onossandros (com "De Strategicos Logos") e Plínio são dois pensadores da época. Bastaria citar a atuação de César, nas oito campanhas fora da Itália, alcançando a Bretanha e a Germânia, e nas cinco outras na Itália contra Pompeu, para constataremos uma estratégia excepcional, veloz, surpreendente, ousada. Estratégia de fins, para dominar a Itália. "Alea jacta est!" significa tudo ou nada, estratégia mais psicológica que militar, vontade, decisão política irrevogável. E aí estão as vitórias de

César: Roma, Farsália, Tapso e Munda.

Nos tempos modernos, o ciclo das navegações faz o mundo ficar "maior" e "menor", a guerra e a Estratégia sofrendo influências crescentes, de várias ordens.

As Revoluções Agrícola (até o século XV) e Econômica ou Comercial (até o século XVIII) desse longo período produziram reflexos ponderáveis na forma da guerra e em sua conduta estratégico-operacional.

Outro "pequeno" cenário da grande moldura da dimensão militar envolve os séculos XVI e XVII, cujas características principais são: Renascimento florescente na Europa, com a formação de uma consciência nacional e fortalecimento do poder do Estado; desenvolvimento do mercantilismo, absolutismo e do racionalismo; consolidação dos sistemas políticos, com governos absolutos e poderosos Estados nacionais, surgimento da Revolução Protestante e da Revolução Católica; ocorrência da Revolução Comercial, tudo isso repercutindo diretamente na política e na Estratégia das relações entre as unidades políticas, configurando a guerra em dimensões mais amplas e crescentemente dependente da política. A Estratégia militar é pendular, relativamente a outras expressões nascentes: a política e a econômica. Surgem as monarquias absolutas, com exércitos permanentes, e assim a guerra metódica fica mais complexa e exuberante.

Em paralelo ao pensamento estratégico-militar, a partir do século XVI evolui o pensamento político-estratégico através da notável contribuição jurídico-política de Maquiavel

e Bodin (século XVI), de Grotius e Hobbes (século XVII) e de Vattel (século XVIII). Maquiavel visualizou as dimensões política, militar e nacional da Estratégia. Bodin exalta o poder absoluto do monarca. Grotius propõe limitações à guerra. Hobbes prega o poder absoluto do Estado. Vattel é adepto da moderação e da limitação da guerra.

A guerra limitada poderá constituir mais um cenário: estratégia menos militar que a da guerra antiga e mais política que a da guerra metódica. De grande valor foi a contribuição oferecida por Guibert, Bülow e Carnot.

Enfim, a dimensão militar, "linear", prevalece até as Revoluções Industrial e Política.

CENÁRIO DA DIMENSÃO NACIONAL

Neste cenário, percebem-se manifestações mais nítidas de outras expressões do pensamento estratégico, como a política, a econômica e a psicossocial.

Como *características do cenário* podemos apontar: decorre das revoluções econômico-industrial e político-social, quando guerra e Estratégia se configuram nacionais; guerra entre nações, exércitos de cidadãos, nação em armas; começa quando termina a guerra dos reis e tem início a dos povos; exércitos de conscritos, mobilização geral da população; Estratégia nacional "concebida" na Revolução Francesa, "nascida" em Valmy (1792), "desenvolvida" nas guerras revolucionárias e napoleônicas, "emancipada" após Napoleão, com Clausewitz, Jomini e

Engels-Marx; apresenta dois tempos, "verticalizados": o dos construtores ou formuladores (Estratégia nacional) e o dos condutores (Estratégia militar). Finalmente, a guerra (nacional) continua a política (nacional) através da Estratégia (nacional e militar).

Aspectos Particulares das Estratégias Nacional e Militar

Nacional: prepara e aplica, não mais meios dos Estados-nações, mas o poder de toda a nação; compromete-se, definitivamente, com a política nacional; ascendente e coordenadora das expressões "justapostas", sobretudo a militar.

Militar: fortalecida e ampliada, subdivide-se em terrestre e naval; dimensão mais política que militar; estratégia da "era do vapor"; conta com outras expressões: política, econômica e psicossocial, em forma precária.

As relações do binômio *espaço X tempo* das estratégias nacional e militar são influenciadas pelo grande desenvolvimento técnico-científico-industrial, traduzido no emprego dos seguintes meios: comunicações (pela vista, gestos e estafetas – homem a pé, a cavalo e motorizado); estrada de ferro, navios a vapor e motor de combustão interna; canhão raiado, fuzil de carregamento pela culatra e foguete; e telégrafo. Enquanto os espaços e as distâncias aumentam, paradoxalmente, os tempos de ligação entre o Poder político (centro decisório e de direção da guerra) e o condutor da guerra diminuem.

Pequenos cenários, de duas ou três décadas, se inserem na dimensão nacional:

1800-1820 – período das guerras napoleônicas. Avultam as relações entre Política e Estratégia, através da guerra e da Estratégia militar, nas campanhas de Napoleão (pensamento estratégico-militar) e, depois, pensamento político-estratégico.

1820-1850 – período de decantação das idéias filosófico-teóricas, político-estratégicas e doutrinário-operacionais, das Estratégias militar e nacional; filósofos e técnicos estudam a guerra: Clausewitz e Jomini; ocorrem revoluções, com mudanças das estruturas político-econômico-sociais; afirma-se a democracia e exalta-se o nacionalismo; destaques para os fatores militares e econômicos do Poder nacional

1850-1870 – época de conflitos político-estratégico-militares; com reformulação do mapa político; surgem doutrinas econômicas, defendendo o capitalismo (A. Smith, A. Hamilton e F. List, que entendem impossível separar Poder econômico do Poder militar) ou combatendo-o (K. Marx e Engels, que propõem ser a guerra essencialmente econômica, diplomática e psicológica e, só em última instância, militar); a Estratégia nacional se valoriza, com a participação da Estratégia econômica; desenvolve o campo da Guerra e da Estratégia revolucionária; principais guerras: Crimeia (1854/6), Secessão (1861/5), Áustria (1866) e Paraguai (1864/70).

1870-1900 – ocorrem conflitos de grande expressão político-militar, evidenciando a definitiva dependência de Estratégia nacional à Política nacional.

Principais guerras: Franco-Prussiana (1870-1871); Russo-Japonesa (1904-1905).

No final do século XIX consagra-se a Estratégia nacional. Pode ela preparar e aplicar o Poder (nacional e militar), com maior antecedência, amplitude e profundidade, no tempo e no espaço. A Guerra será, agora, nacional, ideológica e total. A Estratégia nacional cuida da mobilização, terrestre e naval, mediante planejamento, em todas as expressões do poder nacional.

CENÁRIO DA DIMENSÃO TOTAL

A dimensão total do fenômeno estratégico pode ser apreciada através de cenários configuradores do tempo histórico (1830-1919) e dos espaços estratégicos paz e guerra mundial e guerra e paz (!) São, portanto, cenários retrospectivos e do quadro realístico da própria dimensão. Fixemos algumas idéias relativas à Estratégia total, antes de estruturar os cenários.

Enquanto as revoluções político-econômicas do século XVIII ampliam a dimensão da guerra e da estratégia, de militar para nacional, com participação relevante das expressões política, econômica e social, a caleidoscópica política do poder das principais potências do século XIX

estimula as dimensões total (em 1914-1918) e global (em 1939-1945), no século XX. Três tempos (momentos), sucessivos e crescentes, projetam-se do século XVIII sobre a Estratégia: dimensão total, nacional e global, correspondentes aos dois séculos das grandes revoluções: político-econômico-sociais, das transformações na arte da guerra e das guerras da história da humanidade. A dimensão total envolve, pois, a guerra de 1914-1918 e se projeta, por inércia, nas décadas de 1920-1930. Compreende, assim, dois perfodos: de guerra e de “paz armada”.

A dimensão total, da guerra e da estratégia, tem sua gestação no século XIX explicitada nas Guerras de Secessão (1861-1865), da Tríplice Aliança com o Paraguai (1864-1870) (lado paraguaio), Franco-Prussiana (1870-1871) (lado prussiano) e Russo-Japonesa (1904-1905) (lado japonês); no entanto, “explode” e atinge a maioridade na Guerra de 1914-1918. Pode ser estudada através dos seguintes cenários, estruturados em suas linhas principais:

Cenário Retrospectivo (1830-1914) (Paz e Guerra)

Panorama político-estratégico compreendendo, no campo político-social, aspectos importantes da democracia, do nacionalismo, do progresso das ciências biológicas, físicas e sociais; no campo econômico, expansão da civilização industrial e do comércio mundial, desenvolvimento das ferrovias e da navegação a vapor, destacando-se a Alemanha

e os Estados Unidos, que ultrapassam Inglaterra e França como potências hegemônicas. E, finalmente, no campo das relações internacionais, elas se mostram complexas e antagônicas na Europa, aumentam os sistemas de alianças, acentua-se o imperialismo colonial na África e na Ásia, e, mediante complexa Estratégia político-militar, Inglaterra, França, Rússia e Itália procuram envolver e isolar a Alemanha, centro de poder europeu.

Panorama estratégico-militar, sobretudo alemão e francês, fundamental à compreensão da "passagem" da dimensão nacional à total, da guerra e da Estratégia. Afirmam-se o Poder e a Estratégia nacionais para atendimento a uma política nacional mais ampla. Toda a nação participa do preparo e da mobilização, da indústria e da população. Além da expressão militar, outras se projetam, como a diplomática, a econômica e a social. A evolução do pensamento estratégico-militar alemão pode ser apreciada através da contribuição de Schlieffen, Moltke (o Moço) e Delbrück, principalmente do primeiro, que formulou notável concepção estratégica militar para os teatros de operações ocidental e oriental, em tempos diferentes, cujo meticuloso planejamento revela a concomitância das dimensões militar, nacional e total, da guerra e da Estratégia. Delbrück propõe duas formas para a Estratégia militar: aniquilamento (batalha decisiva) e esgotamento ou de dois pólos (batalha e manobra). No que concerne ao pensamento estratégico-militar francês, há que compreender as dimensões, militar e total, analisando a

contribuição de Ardant du Picq, Foch e do que ficou consubstanciado nos planos elaborados. Até a Guerra de 1914-1918, a influência de Foch foi preponderante no planejamento estratégico para a guerra, com ênfase para a Estratégia militar terrestre, estratégia fundamentada na vontade, condicionadora da vitória, através da ofensiva. Dimensão estratégica, menos nacional que militar, mais nacional que total. "Massa mais velocidade", recomendava Foch, para atacar o centro de gravidade alemão.

Como causas da Guerra de 1914-1918, o cenário deve alinhar remotas ou mediatas (político-militares e econômicas) e recentes ou imediatas. Por onde se percebe que as dimensões se expandem horizontalmente e se verticalizam, a níveis nacional e supranacional, de coligação de nações, para a preparação do e dos poderes nacionais, num tempo muito maior, considerada a aplicação, igualmente mais demorada e em áreas estratégicas grandemente ampliadas.

Cenários da Guerra de 1914/1918

Conduta de guerra nos teatros de operações ocidental, oriental e do Mediterrâneo, compreendendo a evolução do pensamento estratégico, nos vários níveis e expressões, os problemas de direção e de conduta político-estratégica, crises político-diplomáticas e estratégico-militares, sobretudo do lado franco-britânico, relativamente à conduta político-militar da guerra. A Estratégia na Frente Ocidental apresenta três

momentos nitidamente diferenciados: movimento (rápido, da manobra de ala alemã até a corrida para o mar); estabilização (longa, de três anos de guerra de trincheira e de usura) e ruptura do equilíbrio (para decidir a sorte da guerra). Na Frente Oriental, a conduta é bem diversa; na Prússia Oriental, na Galícia e na Polônia culmina no armistício após a revolução russa. Todo o complexo político-revolucionário e econômico-social da Rússia irá refletir-se na estrutura do Poder militar e na aplicação da Estratégia militar. No Mediterrâneo, o conflito envolve três pequenos teatros de muita importância político-estratégica: italiana, balcânica e da Palestina e Mesopotâmia.

Dimensão político-estratégica do conflito, envolvendo outras expressões, além da militar, como a diplomática, a econômica e a social, nele convivendo guerra e revolução, numa estratégia que, além de militar, nacional e total, ainda o é revolucionária. A Estratégia naval atuou independente da Estratégia militar terrestre, produzindo efeitos imediatos na Estratégia nacional, como ocorreu com a inglesa, que teve no bloqueio naval o instrumento operacional que provocou a campanha submarina alemã e arrastou os Estados Unidos à guerra. As dimensões do conflito geram crise de comando nos aliados, que se procura obviar com um comando supremo, que evolui para direção estratégica e, ao final, um comando chefe dos Exércitos na França. A desastrosa Operação dos Dardanelos, no teatro balcânico, sem coordenação política e sem

uma estratégia militar coligada, resalta a indefinição da fronteira entre Política e Estratégia e, pois, entre Estratégia nacional e Estratégia militar. Evidenciou-se, no período de 1914-1918, uma guerra, nacional e total, envolvendo coligações de nações; guerra continental e de âmbito mundial, apresentando variações para o fenômeno estratégico; com problemas de unidade de comando, direção política e conduta militar da guerra nos diversos teatros. A guerra não é mais metódica, nem limitada; nem se restringe à dimensão nacional. Configura-se, realmente, um conflito total, uma Guerra Total, de "toda a nação", cujo preparo e aplicação do Poder nacional far-se-ão em dimensões mais amplas, níveis mais elevados e áreas estratégicas diferenciadas. A Estratégia militar não se confina a um só teatro de operações, não apenas incorpora a componente naval, como se submete, em definitivo, à Estratégia nacional. Consagra-se a dimensão total da Estratégia e, até, se esboça a dimensão global, de grandes teatros de operações, característica do conflito de 1939-1945.

A paz dos vencedores e dos vencidos, traduzida nos diversos tratados de paz, concertados a partir da Conferência de Paris, mostra que ela seria ... uma outra "guerra", no campo da Estratégia político-diplomática aliada, que dará origem a novo mapa político-estratégico e, vinte anos depois, a nova guerra ... Além do Tratado de Versalhes, outros foram assinados: St. Germain, com a Áustria; Neuilly, com a Bulgária; Trianon, com a Hungria; e Sê-

vres e Lausanne, com a Turquia. Ademais, a Liga das Nações procurou substituir o velho sistema de alianças e acordos. Enfim, se as potências aliadas pretenderam com a "elaboração" do extremamente complexo mapa político-estratégico descrever os três grandes impérios — o alemão, o austro-húngaro e o otomano — essa "arrumação" político-estratégica do continente de certa forma traduziu a "configuração" estratégico-militar da Guerra de 1914-1918 nos teatros ocidental, oriental, balcânico e do Oriente Médio.

DIMENSÃO GLOBAL

A dimensão global do fenômeno estratégico envolve cenários da Guerra de 1939-1945 e das décadas seguintes, sendo também importante considerar o cenário compreendendo as décadas de 1920 e 1930. A própria natureza do conflito, que aos poucos se espalha a continental e mundial, num complexo de interesses e responsabilidades das diversas nações, impõe máximo empenho e engajamento de estadistas (chefes de Estado) e estrategistas (chefes militares) na concepção (promulgação) e na conduta político-estratégica e militar-operacional da guerra, terrestre, naval e aérea, nos diversos teatros de operações. Ressalta o papel de direção e de coordenação das elites civis e militares no esforço de guerra, para conduzir os aliados à vitória final. A semente de uma estratégia, além de total, global, no sentido de preparo mais longo, no tempo e no espaço, para

aplicação "globalizada" do vetor estratégico das nações, fora implantada em 1914-1918 e preocupava políticos e militares nos anos 1920-1930. O quadro miniaturizado da conduta da guerra nos pequenos teatros do Mediterrâneo em 1914-1918 — balcânico, italiano, palestino e mesopotâmico — será ampliado na Estratégia global de 1939-1945, inclusive com peculiaridades da Estratégia então concebida e aplicada, naquelas áreas operacionais continentais-marítimas.

Cenário Retrospectivo (1919-1939)

Panorama político-estratégico, configurado nas décadas de 1920 e 1930, mostrando que a paz dos vencedores gerou um espírito de vingança e de revanchismo, traduzido no que parecia sepultado com o concertado em Versalhes (militarismo imperial, governos autocráticos e prepotentes e grandes impérios), estimulante do fascismo na Itália, do nazismo na Alemanha e do franquismo na Espanha. As relações internacionais apresentam um equilíbrio instável na Europa, com dúvidas e desconfianças entre as nações vencedoras: a Rússia tentando aproximar-se da Alemanha, enquanto a Grã-Bretanha e a França desenvolvem, respectivamente, uma política de retraimento e de aproximação. Já a Alemanha e a Rússia representam papéis diferentes. A primeira vivendo um drama econômico-financeiro e pressionada por Versalhes; A Rússia desenvolvendo uma política isolacionista e submetida a profundas transformações, constituindo-se em grave

risco para as potências ocidentais. Paradoxalmente, as imposições do Armistício e de Versalhes aos poucos fortalecem a unidade alemã e transformam a Alemanha na maior potência européia. Os anos 1920 apresentam um saldo positivo. A Guerra de 1914-1918 encerrava-se, efetivamente, com o tratado de Locarno (1925). O quadro político-estratégico, no entanto, se agrava na década de 1930: crises sucessivas e crescentes, da periferia mundial (Ásia, entre Japão e Mandchúria, e África, entre Itália e Abissínia) ao centro do poder europeu (Renânia, Guerra da Espanha, Áustria, Tchecoslováquia, Dantzig e Munique), resultando na aplicação violenta do Poder nacional, em várias áreas estratégicas, culminando em 1º de setembro de 1939 com a invasão da Polônia, o início da guerra de 1939-1945.

Panorama estratégico-militar ressaltando a definitiva dimensão total de um conflito político-militar moderno, com tendência para maior amplitude, de globalização, da Guerra e da Estratégia. A evolução do pensamento alemão traduz uma concepção estratégico-militar fundamentada na velocidade, no emprego de blindados e aviões, em operações móveis para penetração estratégica profunda. Evolui a doutrina com a contribuição de Luderndorff, Guderian, Von Seeckt e Von Blomberg. A partir de 1933, Hitler implanta o serviço militar obrigatório, reorganiza e amplia as forças terrestres, promove curta e radical transformação nos métodos e processos de combate ofensivo, sendo muito

proveitosa a experiência recolhida da Guerra Civil espanhola, para o aperfeiçoamento técnico-tático e operacional das forças terrestres, em combinação com a força aérea, em fase de reestruturação. Pretendia Hitler fazer da Alemanha uma potência hegemônica, sobretudo no campo militar, alargar o espaço vital para leste, atuar agressivamente, por intimidação, contra as potências ocidentais, através de uma estratégia de blefe, o que com certeza redundaria na escalada de uma guerra em duas frentes e se ampliando por todo o mundo. Em 1933, Hitler assume o comando supremo das forças armadas, enfeixando em suas mãos a Política nacional, a Estratégia nacional e a Estratégia militar. De 1933 a 1939, Hitler desenvolve audaciosa e surpreendente Estratégia política e psicológica, logrando enormes êxitos sem guerra, como: em 1933 (ataque ao Tratado de Versalhes, retirada da Conferência do Desarmamento e da Liga das Nações: acelerado o preparo do Poder nacional e do Poder militar); em 1934 (firmado o Pacto de Paz com a Polónia); em 1935 (repúdio às demais cláusulas de Versalhes); em 1936 (ocupação da Renânia). De 1936 a 1939, distende-se a mola política estratégica, apoiada crescentemente pela Estratégia militar.

O panorama estratégico-militar aliado é bem diverso. A França, politicamente satisfeita com a ocupação da Renânia, o Tratado de Versalhes e a desfiguração dos impérios alemão e austro-húngaro, e, principalmente com a recuperação da Alsácia-Lorena, desenvolve uma Estratégia militar defensiva, não acolhen-

do a advertência de De Gaulle. A concepção estratégico-militar inglesa reflete os interesses políticos do Império britânico no Oriente Médio, no Extremo Oriente e na África Colonial, que têm prioridade sobre a segurança europeia, cuja paz parecia garantida pelos tratados de Versalhes e de Locarno, pela Liga das Nações, pelo controle de armamentos e pelos poderosos exércitos da França e dos seus aliados. Expande a força naval e organiza a força aérea e reduz as forças terrestres a uma pequena estrutura profissional. Pouca importância empresta às idéias de Fuller e L. Hart sobre Estratégia militar terrestre. O conceito estratégico militar dos Estados Unidos considera prioritária a guerra no Pacífico com o Japão, daí a preponderância de poder naval sobre o terrestre. A Rússia evolui de um exército de massas proletárias para uma estrutura renovada e poderosa, nos anos de 1920 e 1930, reformula conceitos de Política, Guerra e Estratégia à base da concepção bolchevista-marxista da guerra, como "parteira da revolução", e entende a Guerra e a Estratégia como totais.

O pensamento estratégico-militar japonês traduz a política expansionista, de domínio de áreas na China e expansão do poder marítimo para hegemonia no Pacífico.

A caminho da Guerra Global é o que se percebe ao longo dos anos 1920/1930. Ampliam-se as dimensões da guerra, que não deverá ser apenas total, mas global, envolvendo continente e oceanos em espaços-tempos estratégicos de grande amplitude e importância. Estrutura-

se o poder aéreo, expande-se o poder marítimo, fatores contribuintes das novas dimensões do fenômeno estratégico. O desenvolvimento do poder aéreo, sobretudo na década de 1930, confere a terceira dimensão à Guerra e à Estratégia, a luta em cada teatro de operações e entre eles fazendo-se em "superfície" e, também, em "volume", "espacial" e "cúbica", a "altura" proporcionada pelo avião, de transporte e de combate. As fórmulas teórico-doutrinárias de Clausewitz (poder terrestre) e de Mahan (poder marítimo), em 1914-1918, acrescentam-se as concepções de Douhet, Mitchell e Seversky (poder aéreo), para 1939-1945. Nesse particular a contribuição das principais teorias geopolíticas foi de muita importância à evolução do pensamento político-estratégico-militar. Na realidade, a partir da década de 1930, o poder marítimo e o poder aéreo "ligam" os grandes espaços operacionais de uma futura guerra.

Finalmente, o cenário deve considerar as causas ou origens propriamente da Guerra de dimensão global, de 1939-1945. Do ponto de vista jurídico-político, vejamos: tentativas de paz e armistício (1918); Tratado de Versalhes; tratados de paz e novo mapa político-estratégico; ressurgimento do militarismo, de governos autocráticos e de grandes impérios; profundas transformações na ordem jurídico-política da Europa e as relações internacionais conflitantes nas décadas de 1920 e 1930. No campo econômico-social podemos, igualmente, alinhar inúmeras causas. Quanto ao campo militar podemos citar: restrições militares impostas à Alemanha; paradoxo da

segurança; fragilidade dos instrumentos jurídico-políticos; pensamento estratégico-militar, das democracias e dos Estados totalitários; fracasso do desarmamento, escalada armamentista e expansão do poder militar das principais potências.

Cenário da Guerra de 1939-1945

A Guerra de 1939-1945 configura a dimensão global do fenômeno estratégico, sobretudo para as Nações Unidas, quando formalizam a aliança anglo-saxônica contra o Eixo, unem-se os "Quatro Grandes" e se cria o Estado-Maior Aliado. Do lado das potências aliadas a Estratégia se apresenta global, no sentido de envolver diferentes Estratégias totais e coordenar as Estratégias militares nos diversos teatros de operações — assim mesmo, somente a partir de 1942, pois, de setembro de 1939 a dezembro de 1941, a Guerra é continental, européia, e não existe uma estratégia conjunta a coordenar as operações da Inglaterra e da Rússia contra a Alemanha. Por outro lado, durante toda a Guerra, embora se constitua o Eixo Roma-Berlim-Tóquio, a verdade é que a Guerra da Alemanha, da Itália e do Japão será dominada pela dimensão total da Estratégia. Estratégia total: do Japão no teatro do Pacífico; da Alemanha nos teatros europeus e do Mediterrâneo.

Para as Nações Unidas a Guerra, além de "totalizada", aos poucos se "globalizou", compreendendo: os formuladores do conceito estratégico, a nível de blocos de unidades políticas; os planejadores das estratégias geral, total e militar, para o

esforço de guerra; e a conduta da guerra geral, global e nos diversos teatros de operações. As diferentes estratégias, que em 1914-1918 se "ligavam", agora "combinam-se". Os termos das sucessivas revoluções que balizaram a história do desenvolvimento econômico mundial, as dimensões militar, nacional e total foram contemporâneas, respectivamente, das revoluções agrícola, industrial (primeira fase) e industrial (segunda fase). A partir, inclusive, da Guerra de 1939-1945, a dimensão global da Estratégia é contemporânea da Revolução Tecnológica, como, de resto, à Revolução Cibernética corresponderá a dimensão planetária.

O cenário poderia apresentar a conduta político-estratégica da guerra, geral e em cada teatro, e o desfecho do conflito, com a paz, para os vencidos e... a guerra, para os vencedores.

Pode, também, fixar, a nível de formulação global, quatro períodos. O primeiro, de setembro de 1939 a dezembro de 1941, da invasão da Polônia (Europa) ao ataque japonês a Pearl Harbor (Pacífico), período que caracteriza a Guerra Total, continental, européia, enfrentada pela Estratégia total anglo-saxônica. Envolve a invasão da Rússia (22 de junho de 1941) e termina com a entrada dos Estados Unidos na guerra.

O segundo período compreende os anos de 1942-1943, predominando a Estratégia militar, nos diferentes teatros de operações europeu, oriental, do Mediterrâneo (África do Norte, Sicília e Itália) e do Pacífico, com operações em larga escala. Com vistas à formulação política e

ao planejamento da Estratégia global e da decorrente conduta estratégico-militar nos diversos teatros de operações, concertam-se várias conferências: Washington ("Arcádia", janeiro de 1942), Casablanca ("Anfo", janeiro de 1943), Washington ("Trident", maio de 1943) e Quebec ("Quadrant", agosto de 1943). Em "Arcádia" formaliza-se a aliança das Nações Unidas contra o Eixo, estabelecem-se as bases e fundamentos da estratégia global, cria-se o Estado-Maior Aliado, admitida a "Declaração das Nações Unidas", das quatro grandes nações: Estados Unidos, Grã-Bretanha, União Soviética e China; vinte e seis nações já haviam declarado guerra ao Eixo.

Durante 1942, ocorre grande expansão das expressões econômico-social e militar; mobilização total da indústria; gigantesca logística para transporte e suprimentos para todos os teatros de operações. Amplia-se a guerra no Pacífico, na Europa, na Rússia e no norte da África, até setembro. A partir de novembro, os Aliados iniciam a contra-ofensiva: russos, na Europa, norte-americanos, no Japão, e ingleses, na África.

Em Casablanca (janeiro de 1943) definem-se os novos rumos da Estratégia global e da conduta estratégico-militar, inclusive a invasão da Sicília, para julho desse ano. Na Conferência "Trident" (maio) fica decidido: a Estratégia militar a ser adotada após a conquista da Tunísia e da Sicília; a execução da Operação "Overlord" (para maio de 1944) e a implementação da Estratégia militar contra o Japão (continente asiático e Pacífico) e contra a Alemanha e a Itália. Em "Quadrant" (agosto)

concertam-se várias decisões: planejamento da "Overlord", prosseguimento da Campanha da Itália, operação no sul da França, intensificação da ofensiva no Pacífico e criação do Comando do Sudeste da Ásia.

O terceiro período, de novembro/dezembro de 1943 até fevereiro de 1945, da Conferência de Teerã até Yalta ("Argonaut"): define a derrota do Eixo; contém muitas tensões e antagonismos entre os Aliados; confirma o desembarque na Normandia, caracteriza-se pelo cerco da Alemanha, em todas as frentes (russa, ocidental e do Mediterrâneo) e do Japão, no Pacífico.

O quarto período, de Yalta ao final da guerra, na Europa e no Pacífico, com a rendição incondicional da Alemanha e do Japão.

Cenário Pós-Guerra 1939-1945

Esse cenário envolve o período do final da Guerra de 1939-1945 à década de 1970 e é dominado por manifestações polarizadas e despolarizadas do sistema de Poder mundial, marcado pelo advento da arma nuclear.

Convém frisar que, durante a Segunda Guerra Mundial, continuou vigorante a doutrina clauswitziana, para ambos os contendores. A conduta político-estratégica era encargo dos chefes de Estado. Eles influam diretamente na direção e conduta da guerra, assistidos pelos respectivos chefes de estado-maior, enquanto a conduta estratégico-militar em cada teatro de operações era competência

dos chefes militares, diretamente subordinados à direção suprema, que resolvia os problemas militares, políticos, de produção industrial, mobilização etc. Os interesses da Estratégia militar conjugavam-se com os pretendidos pelas demais expressões do Poder global das potências Aliadas. As ações estratégicas desenvolviam-se através de variados vetores aplicados, não apenas nas frentes mas no âmbito de todo o teatro de operações, em ações simultâneas ou sucessivas. O Poder aéreo "ligava", através da correspondente estratégia, as estratégias terrestre e naval, além de fortalecê-las e aprofundá-las, no tempo e no espaço, favorecidas e coordenadas e o controle das ações pelo avanço tecnológico, possibilitando enorme avanço nos sistemas de comunicações e de apoio logístico. A estratégia é global, com prevalência da Estratégia militar e, nela, consoante as características do teatro de operações, prioridade para a estratégia terrestre ou naval.

A falta de uma teoria ou técnica de planejamento condizente com a dimensão da Estratégia, os Aliados adotaram o método das conferências interaliadas para a tomada de decisões, coordenação e controle relativos às Estratégias global e total, e à Estratégia militar dos diversos teatros de operações.

Após o período de 1939-1945, os pensadores propõem maior amplitude para o conceito de Estratégia, envolvendo as expressões política, econômica, psicos-

social e militar em nível de entendimento e de planejamento e emprego correspondentes aos diversos campos do Poder nacional. A continuação (ou substituição) da Guerra pela Guerra Fria empresta à Estratégia características novas, assim como feições mais modernas e flexíveis. Configura-se o conflito Leste/Oeste, conflito permanente, de âmbito mundial, entre as duas superpotências, apresentando grau variável de polarização e despolarização de unidades políticas. É válido o uso de todos os meios, inclusive guerra revolucionária e guerra limitada, sucedendo-se graves crises como: Coreia, Indochina, Berlim, Congo, Cuba, Argélia, Israel, Suez, Hungria, Tchecoslováquia, Vietnã. Em numerosos países a guerra atua na frente interna como a guerra revolucionária, que tem suas peculiaridades: guerrilha, subversão e terrorismo. Nesse quadro da disputa político-ideológica, têm ampla aplicação as expressões política, diplomática e psicossocial do fenômeno estratégico.

Por outro lado, acentuam-se as diferenças entre nações mais desenvolvidas e menos desenvolvidas, influenciando no tocante à Estratégia, como conceito e como prioridade desta ou daquela expressão, no preparo e na aplicação do Poder nacional nas diversas áreas estratégicas, principalmente internas. Enquanto nos países mais desenvolvidos, com maiores recursos e capacidades, os fatores adversos mais comuns podem ser superados sem grandes dificuldades — possibilitando

orientar a Estratégia nacional para enfrentar antagonismos e pressões, considerando inimigos reais, potenciais ou presumíveis — nos países menos desenvolvidos outros fatores se destacam: desequilíbrios da natureza, desníveis econômico-sociais e políticos, diferenças regionais etc. Tais fatores têm que ser encarados pela Estratégia como óbices, quanto a seu encaminhamento aos objetivos nacionais. Portanto, para países menos desenvolvidos — o Brasil, por exemplo — a Estratégia nacional se reveste de características peculiares, preocupando-se com as razões de insegurança e de desenvolvimentos da área, e considerados não apenas antagonismos e pressões, mas fatores adversos, de modo geral.

O “fato novo” da bomba atômica sobre o Japão introduz nova dimensão à Estratégia, que começa a ser concebida na década de 1970. Transforma-se o caráter dos conflitos, surgem novos conceitos sobre Estratégia no contexto teórico-doutrinário.

Intensifica-se, desde o final da década de 1940, o jogo de alianças sob novas formas, surgem Superestados (URSS e satélites), criam-se sistemas de segurança regionais (TIAR, OTAN, Pacto de Varsóvia, SEATO). Proliferam programas de auxílio financeiro, acordos comerciais. O quadro político-estratégico-militar extremamente complexo das décadas de 1950, 1960 e 1970 — Guerra Fria, Guerra Revolucionária, Guerra Limitada, regionalizadas e periféricas, estimuladoras desses

pactos e tratados multilaterais, nas principais áreas estratégicas do globo — dá origem a diversas formas ou peculiaridades da Estratégia, classificadas de acordo com escolas, tendências do pensamento contemporâneo ou para fazer face à ameaça de conflito nuclear. Na década de 1950 surge a estratégia de Retaliação Maciça e/ou de Contenção Graduada (até 1954). Também admitiu-se a classificação de Estratégia da Guerra Fria, decorrente do conflito soviético x Ocidente e Estratégia da Guerra Revolucionária (de Mao). Outra classificação: Estratégia de Ação Direta e Estratégia de Ação Indireta. Após 1954, Beaufre entende que “a dissuasão é a chave da Estratégia contemporânea”, o argumento que impede a guerra nuclear é o principal fator do chamado “equilíbrio do terror”. Daí substituir a estratégia de Retaliação Maciça ou Contenção Graduada pela Estratégia de Dissuasão (ou Deterência), para as grandes potências, que demonstrou sua validade na Guerra do Vietnã (1962/72), que ficou confinada no limite de uma Guerra Limitada. Prevalecem, ademais, as outras formas da Estratégia: de ação direta e indireta, traduzidas em Estratégias política e econômica, revoluções, conflitos localizados — para escapar à “paralisia” imposta pela dissuasão nuclear.

O CENÁRIO DA DIMENSÃO PLANETÁRIA

Dimensão planetária — orbital,

cósmica, do espaço exterior ou satelizada – da Estratégia da denominada “Guerra nas Estrelas”. Dimensão obviamente prospectiva, mas preocupante e tendendo para preponderante no pensamento político-estratégico das superpotências nucleares nas próximas décadas.

Não vamos configurar um cenário prospectivo, apenas fazer ligeiro comentário sobre essa “quinta” dimensão do fenômeno estratégico; até porque muito se questiona sobre a IDE (Iniciativa de Defesa Estratégica), como é conhecido o projeto “Guerra nas Estrelas”, que envolve o domínio do espaço sideral, além da atmosfera.

A corrida nuclear entre as superpotências, ou escalada (aumento do número de bombas e da capacidade destruidora), prossegue nas décadas de 1960, 1970 e 1980, a despeito de exaustivos esforços e tentativas para limitar ou reduzir a proliferação de engenhos nucleares. Nem mesmo a alternativa dissuasora das ações secundárias da Estratégia (guerras convencionais, guerrilhas e revoluções) proporcionou “relativa segurança” contra a escalada nuclear. Daí a idéia de os Estados Unidos criarem um escudo defensivo contra ataques nucleares, cobrindo os alvos mais importantes do território com um escudo protetor altamente sofisticado, em termos tecnológicos e cibernéticos. Isso porque as duas superpotências dispõem de gigantesco arsenal de bombas nucleares, que poderão, de seu território, atingir o território adversário com mísseis intercontinentais, transportando bombas com até 10 ogivas nucleares, direcionadas para objeti-

vos diferentes, usar diversos vetores de lançamento (aviões, mísseis e satélites), tendo capacidade de se destruírem de forma catastrófica e muitas vezes superior ao número de ogivas necessárias à hecatombe atômica.

Então, como a tecnologia de ponta possibilita o emprego de armas nucleares com a utilização do raio *laser* – além do uso de aviões, mísseis e satélites –, a IDE acredita poder montar um sistema de estações emissoras de raios *laser*, baseado em estações de terra e em satélites, podendo desintegrar, em órbita, mísseis ofensivos portadores de ogivas nucleares. Com isso, entendem cientistas e estrategistas ser possível promover uma defesa ativa, no quadro da concepção Estratégica Planetária, completando a segurança oferecida pelo sistema de defesa (abrigos protetores e estações de lançamento).

Ao que parece, essa espécie de “sistema de míssil e anti-míssil dos anos de 1970” pretende não apenas tornar as armas nucleares impotentes e obsoletas, como, no mínimo, garantir a dissuasão estratégica por meios defensivos. A missão principal desse sistema seria “identificar, rastrear, interceptar e destruir mísseis balísticos ou suas ogivas nucleares em voo (no espaço)”.

A dificuldade maior da concepção estratégica planetária está em que ela se fundamenta no emprego do raio *laser*, através de um canhão, o “Checmate” (sigla que denomina o mais potente canhão do mundo, “capaz de atingir mísseis em pleno ar ou mesmo lançar projéteis em outros planetas”). Esse canhão age por

força eletromagnética, sendo, em essência, "um motor elétrico no qual dois fachos impulsionam um projétil através da criação de uma força eletromagnética".

Além da difícil viabilidade operacional do canhão em todo o sistema, o campo mais complexo e muito discutível do projeto IDE repousa na informática, pois haverá necessidade de processar milhões de dados para utilização, no menor espaço de tempo possível, em "cenários da guerra que se alternarão entre a atmosfera, o mar e a terra". Muitos cientistas criticam o sistema. Alertam para a possibilidade de até 10.000 erros de *software*; ; para a dificuldade em prever o tipo de ataque. Assim, o sistema terá de rastrear de 30.000 a 300.000 mísseis e iscas para iludir o sistema (inimigo), e o programa deverá conter de 6 milhões a 25 milhões de instruções ou mais de 100 milhões de linhas etc.

Um dos pensadores de grande visão político-estratégica global da atualidade — Zbigniew Brzezinski — critica o programa "Guerra nas Estrelas", por não proteger os Estados Unidos e seus Aliados, tornar obsoletos os arsenais nucleares e fornecer uma "defesa porosa" (e, mesmo assim, apenas às forças de comando, de liderança e de comunicações e estratégias). Brzezinski, na verdade, propõe em seu recente livro — *Plano de jogo: uma estrutura geoestratégica para conduzir a disputa EUA-URSS* — uma mudança da estratégia dos Estados Unidos, através da instalação de um sistema de defesa antimísseis, terrestre e espacial, menos ambicioso e da manutenção de uma força de mísseis terrestres

mais reduzida, para atingir os alvos soviéticos num primeiro ataque.

Esse planejamento estratégico de longo alcance traduz, na verdade, um conceito estratégico planetário, que procura conciliar as abordagens alternativas consideradas "indesejáveis": desarmamento abrangente ou pequenos acordos localizados, e ampliação contínua dos sistemas ofensivos. Vale dizer, nem acredita na limitação de armas estratégicas, nem concorda com o ritmo de expansão da força nuclear ofensiva. Depois de analisar o conflito EUA-URSS e considerar como centros estratégicos principais a Europa Ocidental, o Oriente Médio e o Extremo Oriente, Brzezinski propõe uma Geoestratégia de longo alcance, de convivência dos Estados Unidos com a URSS: deixar a Europa Ocidental para maior engajamento dos aliados na defesa de seus territórios e impedir que URSS domine as áreas estratégicas da Eurásia (Oriente Médio e Extremo Oriente).

Como se vê, é uma proposta que procura considerar — no que o autor chama de Geoestratégia — as duas dimensões da Estratégia: a global e a planetária.

BIBLIOGRAFIA

1. ÁLVARES, Obino Lacerda, *Estudos de Estratégia*, Rio de Janeiro, BIBLIX, 1973.
2. ARON, Raymond, *Paz e Guerra entre as Nações*, Brasília, Ed. Univ. Brasília, 1979.
3. BEAUFRE, André, *An Introduction to strategy*, New York, Praeger, 1966. *Strategy of Action*, New York, Praeger 1969.
4. CASTELLO BRANCO, H. *A Estratégia*, Rio de Janeiro, ESG, 1962.
5. CASTEX, Humbert, *Theories strategiques*, Paris, SGMC, 1937.

6. CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*, São Paulo, Martins Fontes Ed., 1979.
7. EARLE, Edward Mead. *Makers of Modern Strategy*, New York, Princeton Press, 1973.
8. ESCCLA SUPERIOR DE GUERRA, Manual Básico, Rio de Janeiro, 1986.
9. HERRERA, H. Almeida. *A Estratégia dos Aliados na Segunda Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, BIBLIX, 1961.
10. LIDDELL HART, B.H., *Estratégia*, Rio de Janeiro, 1966.
11. ————. *As Grandes Guerras da História*, São Paulo, Ebrasa, 1963.
12. RUSSELL, Bertrand. *O poder; uma nova análise social*, São Paulo, Ed. Nacional, 1957.
13. STONE, Jeremmy J. *Strategia Persuasion*, New York, Columbia, 1967.
14. TAYLOR, A.J.P. *A Segunda Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
15. WEIGLEY, Russell F. *Novas Dimensões da História Militar*, 2 vol., Rio de Janeiro, BIBLIX, 1981/82.



Cel AMERINO RAPOSO FILHO – Coronel da Reserva Oficial de Estado-Maior, foi instrutor da ECEME, integrou o CP da Escola Superior de Guerra e do Colégio Interamericano de Defesa (EUA). É membro do IGHMB e do CEBRES (Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos), do qual é o Primeiro Vice-Presidente.